

SOBRE DOIS CONCEITOS DE FOUCAULT

Sirio POSSENTI¹

■ **RESUMO:** O objetivo deste trabalho é defender uma certa leitura de Foucault, em especial no que se refere aos conceitos de **saber** e de **verdade**, freqüentemente tomados em sentido corrente. A razão é que, se Foucault for lido assim, algumas de suas hipóteses perdem completamente seu vigor e sua produtividade, tornando-se inúteis para perceber – e este é um de seus propósitos – a especificidade do funcionamento de certos discursos, seja no que se refere a sua forma de produção quanto no que se refere às relações entre os discursos

■ **PALAVRAS-CHAVE:** Foucault. Saber. Verdade. Ciências humanas. Sexualidade.

Introdução

No Seminário do GEL de 2005, na mesa que inaugurou as atividades intelectuais, logo após as cerimônias de abertura do evento, Baronas (2006) falou de uma espécie de clichê que marca muitos trabalhos em análise do discurso: os autores costumam colocar-se sob o amplo – ou colorido – guarda-chuva de Pêcheux, Bakhtin e Foucault.

Minha intervenção tem um pouco a ver com isso, ou seja, com o fato de que também encontro com freqüência bem maior que o recomendável a mesma afirmação, e, mais especificamente, de que se encontram, além disso, leituras discutíveis de conceitos desses autores. Neste texto, vou discutir apenas dois casos. Trata-se de leituras a meu ver equivocadas de Foucault: refiro-me a um certo uso (talvez produtivo, não nego) de suas formulações sobre “saber” e sobre “verdade”.

¹ Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp / CNPq. Campinas, S. Paulo, CEP 13084-767; sirio@iel.unicamp.br

Minha tese não é que esses conceitos de Foucault devam ser preservados tal como ele os formulou, que esse autor não pode ser remexido, que a leitura que fazemos de seus textos não deva fazê-los ranger, atitude que ele, aliás, recomendava. Minha tese é apenas que não se pode atribuir a Foucault uma leitura por demais estendida, fazê-lo dizer o que não disse, o que é coisa diferente de fazer um conceito render em domínios nos quais um autor originalmente não imaginou que pudesse ser produtivo. Em outras palavras, trata-se apenas de sugerir que leituras menos canônicas sejam assumidas pelos leitores: que eles deixem a modéstia de lado e não atribuam a Foucault, já suficientemente coberto de glórias, as suas inovações.

Saber

Tem sido cada vez mais comum considerar que qualquer enunciado que tenha como correlato algum tipo de prática seja considerado uma forma de saber, com imediata remissão a Foucault. Os exemplos são diversos, talvez muitos, e são tomados, em geral, de campos que poderiam ser chamados da cultura: cozinhar, contar histórias, citar provérbios, dar notícias... Ora, mesmo que tais enunciados sejam correlatos de práticas, certamente Foucault não os incluiria nos campos de saber. Foucault estipula que o saber é correlato de práticas, é verdade, mas isso não basta. Para ele, é preciso que se trate de certas práticas, não de quaisquer práticas.

A página inicial sobre esse tópico, que pode ser lida em Foucault (1969), deveria ser suficiente para desencorajar aplicações inexatas da noção, porque nela o autor deixa imediatamente explícita a relação do “saber” com a “ciência” - o que exclui os saberes construídos segundo outros procedimentos. Simplificando um pouco, poder-se-ia dizer que o saber é o campo no qual se constitui um tipo de discurso que está em vias de se tornar uma ciência, tese que poderia ser sustentada a partir da seguinte passagem: “[...] a arqueologia percorre o eixo **prática discursiva - saber - ciência**” (FOUCAULT, 1969, p.207, grifo nosso). No entanto, não é exatamente assim que se caracteriza um saber - isto é, como um estágio, uma fase - porque não é necessário que um saber, para ser um saber, venha posteriormente a transformar-se em uma ciência, galgando outro limiar (sobre a questão dos limiares²). Ou seja, nem todos os saberes se tomam ciências, segundo Foucault. Isso é claro. Mas também é claro que os discursos que não sejam produzidos de forma organizada à moda dos das ciências não são saberes, para Foucault.

Antes de introduzir o termo “saber”, Foucault (1969, p.206) descreve as positivities, que caracteriza detalhada e finamente, para só em seguida dizer que “A esse conjunto de

² Ver Foucault (1969, p. 211 et seq.).

elementos ... pode-se chamar de saber.” E está no trecho imediatamente seguinte a mais clara explicitação desse conceito, embora a palavra “saber” só venha a ser introduzida em seguida, exatamente para caracterizar e unificar os fenômenos discursivos de que o autor vinha tratando sob os termos “formação discursiva” e “positividades”. Quem conhece o trabalho de definição de formação discursiva, que Foucault (1969) desenvolve no capítulo 2 da segunda parte desse livro, sabe de que tipo de “unidades” se trata.

Diz Foucault (1969, p.206-207) que “[...] um saber é aquilo de que podemos falar em uma prática discursiva que se encontra assim especificada: o domínio constituído pelos diferentes objetos que irão adquirir ou não *status* científico.” E acrescenta uma série de exemplos e de conceituações de domínios que se caracterizam por serem saberes: o da psiquiatria do séc. XIX, que não é a soma do que se acreditava verdadeiro, mas o conjunto de condutas, singularidades ... de que se pode falar no discurso psiquiátrico; um saber é o espaço “em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa em seu discurso” (como o da medicina clínica); um saber é “um campo de coordenação e de subordinação dos enunciados em que os conceitos aparecem, se definem, se aplicam e se transformam” (como o da História Natural); “finalmente, um saber se define por possibilidades de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso” (a economia política clássica [é] o conjunto de seus pontos de articulação com outros discursos ou outras práticas que não são discursivas).

Creio que não é necessário insistir que, para esse autor, um saber não é simplesmente o que se sabe. Mas o exemplo abaixo pode ajudar a esclarecer ainda melhor a concepção de saber de Foucault e impedir qualquer leitura desviante:

A medicina clínica certamente não é uma ciência: não só porque não responde aos critérios formais e não atinge o nível de rigor que se pode esperar da física, da química e mesmo da fisiologia, mas também porque comporta um acúmulo, apenas organizado, de observações empíricas, de tentativas e de resultados brutos, de receitas, de prescrições terapêuticas, de regulamentações institucionais. Entretanto, esta não-ciência não exclui a ciência: durante o século XIX, ela estabeleceu relações definidas entre ciências perfeitamente constituídas como a fisiologia, a química ou a microbiologia; além disso, deu lugar a discursos como o da anatomia patológica, a que seria, sem dúvida, presunção dar o título de falsa ciência.

(FOUCAULT, 1969, p.204-205)³.

³De quebra, um trecho como esse deveria funcionar como um breve contra os que acham que Foucault é um irracionalista, um militante da anti-ciência.

Em suma, e para simplificar, mas, espero, sem trair Foucault, afirmo que, para ele, saberes são campos organizados, tão organizados que muitos até os caracterizariam (de fato, os caracterizam) como científicos: bons exemplos são a psiquiatria, a economia, a antropologia, a gramática etc. Portanto, eles não têm nada a ver, por exemplo, com a enunciação de provérbios ou com a formulação de receitas, sejam culinárias, sejam de como emagrecer ou de como sofisticar a vida sexual. Em outras palavras, os saberes de que trata Foucault são de natureza diferente daqueles de que trata, por exemplo, De Certeau (1990), que fundamentam (ou resultam de) “modos de fazer” diversos dos que decorrem dos saberes tais como os define Foucault. Um exemplo: uma técnica cirúrgica (prática ligada a saberes) não é da mesma natureza que outras habilidades que impressionam a qualquer um, como a de um pescador que sabe exatamente quando puxar o anzol para físcar um lambari (“prática” não ligada a saberes). Outro exemplo: as previsões do tempo que se fazem nos Institutos Meteorológicos são de natureza completamente diferente das que se fazem pela observação do movimento das formigas e de outros animais, e mesmo do fato de que chove no dia de S. José, mesmo que aquelas falhem e estas sejam precisas.

Verdade

Embora se trate de questão diferente, espero que os comentários seguintes sobre a questão da verdade em Foucault ajudem a esclarecer melhor também o tópico anterior. Tem havido sistematicamente leituras do conceito de verdade que seguem a mesma estratégia empregada quando se trata do conceito de saber. Afinal, se se puder caracterizar como “verdadeiro” um certo enunciado, um provérbio, uma afirmação sobre políticos, sobre jovens ou sobre futebol, por que não fazê-lo sob a proteção de Foucault?

Ora, em Foucault (1971) está absolutamente clara a posição do autor sobre esta questão. Depois de expor a terceira das formas de controle que se exercem de fora sobre o discurso, a saber, a divisão entre verdadeiro e falso, acrescenta que “[...] essa vontade de verdade ... tende a exercer sobre **outros discursos** ... uma espécie de pressão e como que um poder de coerção” (FOUCAULT, 1971, p.18, grifo nosso). Exemplifica o fenômeno com o que ocorreu com a literatura ocidental – que teve que buscar apoio no natural, no verossímil, na sinceridade, na ciência também; com o que ocorreu com as práticas econômicas – antes codificadas como preceitos ou receitas, mas que procuraram, “desde o séc. XVI, fundamentar-se, racionalizar-se e justificar-se a partir de uma teoria das riquezas e da produção”;

até mesmo o sistema penal, por definição prescritivo, procurou seus suportes ou sua justificação ... em um saber sociológico, psicológico, médico, psiquiátrico, “[...] como se a própria palavra da lei não pudesse mais ser autorizada, em nossa sociedade, senão por um discurso de verdade.” (FOUCAULT, 1971, p.18-19). Não seria necessário acrescentar, por ser fato absolutamente conhecido, que, atualmente, nos tribunais, grande número de casos é decidido com base em exames de balística ou de DNA, sem considerar a relevância dos pareceres psiquiátricos ou mesmo das atenuantes ou agravantes formuladas com base em saberes sociológicos.

As verdades a que Foucault se refere são apenas as produzidas segundo os dispositivos disciplinares. É ele quem diz que uma disciplina “[...] se define por um domínio de objetos, um conjunto de métodos, um corpus de proposições consideradas verdadeiras, um jogo de regras e de definições, de técnicas e de instrumentos.” (FOUCAULT, 1971, p.30).

Como se vê, quando Foucault se refere às verdades, não se trata de qualquer uma. Não se trata nem mesmo das da filosofia, do direito, da economia, ou do jornalismo; e muito menos das herdadas de nossas avós, ou das verdades de grupos mais ou menos organizados – sejam de políticos, sejam de maratonistas. Trata-se sempre das verdades que são produzidas segundo regimes discursivos especiais, os dos saberes ou os das ciências.

Aliás, se esta distinção não for mantida, corre-se o risco de perder de vista um dos fenômenos certamente mais importantes de que as análises de discurso podem dar conta, que é exatamente o da invasão, pelas verdades, de campos cujo funcionamento poderia parecer (e foi durante muito tempo) completamente alheio a esta característica.

Considere-se, por exemplo, a questão da beleza, tal como proposta hoje (pelas revistas, pelos programas de TV): poder-se-ia imaginar que se trata apenas de padrões históricos que se sucedem, que vão e que vêm, não livremente, por certo, mas que seriam ditados apenas por critérios de etiqueta social ou das preferências dos possíveis parceiros sexuais. No entanto, e cada vez mais, a questão é tratada como se seus fundamentos fossem científicos, com o incremento de sua associação com a saúde; esta, por sua vez, é associada, entre outras coisas, ao consumo de certos tipos de alimentos (quem consome apenas tantas calorias, o que pode ser obtido adotando uma alimentação natural e saudável, que inclua azeite extravirgem, como pode ser atestado pelo fato de que os gregos...). A beleza e a saúde, por sua vez, são associadas à prática de exercícios físicos, indicados com fundamentos anátomo-fisiológicos (caminhar tantos metros por dia, em tal

velocidade, com tênis adequados, que reduzem o impacto sobre as articulações...).

É preciso separar claramente, portanto, para seguir Foucault, os discursos que se constituíram sob o regime da vontade de verdade (saberes, ciências) dos outros discursos, por mais que estes não sejam produzidos, evidentemente, no vazio. Ou seja: só é justo apelar a Foucault para falar de verdades quando se trata das verdades produzidas pelos discursos organizados segundo certos requisitos, e não de toda e qualquer verdade.

A diferença entre os dois regimes de “verdade” fica bem clara nos trabalhos em que Foucault trata da sexualidade. Parece-me que a necessidade de distinguir discursos fica absolutamente clara nesses textos. Foucault (1977), por exemplo, opõe claramente o que se “sabia” sobre sexo ao que se passou a “querer saber” sobre sexo a partir de um certo momento, que é o mesmo, e não por coincidência, em que se constituem as ciências humanas, cujos discursos, como se sabe, foram o principal objeto de análise de Foucault.

Expressões como “análise”, “contabilidade”, “classificação”, “especificação”, “racionalidade”, “objeto de análise e alvo de intervenção”, “teia de observações”, “discurso racional”, “preceitos”, “pareceres”, “observações”, “advertências médicas” e outras povoam o livro, para deixar claro que se trata agora de fazer do sexo e das pessoas que, eventualmente, incidissem em um comportamento de alguma forma problemático, “[...] um puro objeto da medicina e de saber... através de uma análise detalhada” (FOUCAULT, 1977, p.33). Além disso, Foucault (1977, p.35, grifo do autor) esclarece que se trata menos “[...] de *um* discurso sobre o sexo do que de uma multiplicidade de discursos, produzidos por toda uma série de mecanismos que funcionam em diferentes instituições.”

Que aqui se trata de verdades a serem produzidas por discursos de saber, no sentido acima explicitado, fica talvez definitivamente claro quando se comparam os dois “procedimentos” de produção da verdade do sexo apresentados por Foucault: de um lado, está a *ars erotica*, na qual “a verdade é extraída do próprio prazer, encarado como prática e recolhido como experiência”. Constitui-se, assim, “[...] um saber que deve permanecer secreto, não em função de uma suspeita de infâmia que marque seu objeto, porém pela necessidade de mantê-lo na maior discrição, pois, segundo a tradição, perderia sua eficácia e sua virtude se divulgada”. Os efeitos esperados serão o “[...] domínio absoluto do corpo, gozo excepcional, esquecimento do tempo e dos limites, elixir da longa vida, exílio da morte e de suas ameaças.” (FOUCAULT, 1977, p.57).

O outro procedimento se organizou em uma *scientia sexualis*, que se desenvolveu “[...] para dizer a verdade do sexo, procedimentos que se ordenam ... em função de uma forma de poder-saber rigorosamente oposta à arte das iniciações e ao segredo magistral, que é a confissão”, que foi a “matriz geral que rege a produção do discurso verdadeiro sobre o sexo” (FOUCAULT, 1977, p.57 e p.62). O importante é que o sexo “[...] não tenha sido somente objeto de sensação e de prazer, de lei ou de interdição, mas também de verdade e falsidade, que a verdade do sexo tenha-se tornado coisa essencial, útil ou perigosa, preciosa e temida; em suma, que o sexo tenha sido constituído em objeto de verdade.” (FOUCAULT, 1977, p.56).

O fato de que a palavra “verdade” aparece tanto a propósito das artes eróticas quanto a propósito da confissão poderia ser considerado um argumento contra a posição que estou defendendo. Como você afirma, poderiam me dizer, que a única maneira correta de entender o sentido de *verdade* em Foucault é associar este conceito às práticas discursivas dos saberes, se ele mesmo diz que a *ars erotica* e a confissão – que, claramente, não são procedimentos dos discursos de saber – são formas de produção de verdade sobre o sexo? A objeção faria sentido apenas se considerássemos esses enunciados em separado. De fato, assim que Foucault expõe as características das artes eróticas, logo ele as opõe a tudo o que fazem os discursos que se interessam pela verdade do sexo. Assim que apresenta o papel que a confissão teve durante muito tempo, logo Foucault explicita que ela é uma forma de extrair “verdades” a partir das quais se construirá um discurso, ou discursos, de verdade: o da medicina, o da psiquiatria, o da pedagogia (que não são, como se sabe, artes eróticas).

Mas creio que uma solução ainda mais clara surge na entrevista de Foucault a C. Nemoto e a W. Watanabe (FOUCAULT, 1978), especialmente quando este alega que, no Japão, a europeização fez com que, curiosamente, a *ars erotica* se relacionasse com a *scientia sexualis*. Especialmente, diz ele, no que se refere a números especiais de revistas do tipo “Tudo o que você não sabe sobre o corpo masculino” e “Aquilo que você ignora a respeito da homossexualidade”. Nas circunstâncias atuais, acrescenta, a *scientia sexualis* e a *ars erotica* dificilmente se distinguem. Foucault, um tanto reticente, responde que é difícil mensurar esse tipo de funções. Que o saber sobre o sexo, quando dispensado às pessoas comuns (não só aos médicos e sexólogos), e elas passam a aplicar esse conhecimento em seus atos sexuais, ele se situa entre a *ars erotica* e *scientia sexualis*.

Argumentos de autoridade

Creio não ser descabido – antes pelo contrário – apelar para argumentos explícitos de autoridade em favor da leitura que estou fazendo desses dois conceitos de Foucault. Até porque, no meu caso, foram, entre outros, os dois textos a que vou recorrer que me levaram a essa posição.

Machado (1982), na introdução, para situar a arqueologia, opõe-na à epistemologia. Seu ponto de partida é que a epistemologia francesa se funda na tese de que a filosofia das ciências tem uma dimensão histórica. Isso porque é a ciência que coloca para a filosofia a questão da racionalidade. “Se a razão tem uma história, só a história das ciências é capaz de demonstrá-lo...” (MACHADO, 1982, p.9).

E a arqueologia? A arqueologia é para as ciências humanas – os saberes – o que a epistemologia é para as ciências. Assim, ela se define a partir da problemática da racionalidade. Por isso, nos trabalhos de Canguilhem, fica claro, diz Machado, que “[...] todas as suas análises estão centradas na questão do homem, isto é, formam uma grande pesquisa sobre a constituição histórica das ‘ciências do homem’ na modernidade. Trata-se, portanto, de uma nova região” (MACHADO, 1982, p.11).

Machado (1982, p.11) afirma que o objetivo de seu livro é estudar o deslocamento que a arqueologia produz em relação à epistemologia. Nesse sentido, “[...] pretende ser uma crítica à própria racionalidade”. Enquanto a epistemologia “[...] investiga a produção da verdade na ciência, [...] a história arqueológica, **que estabelece interrelações conceituais ao nível do saber**, nem privilegia a questão normativa da verdade nem estabelece uma ordem temporal de recorrências a partir da racionalidade científica atual.” (MACHADO, 1982, p.11, grifo nosso).

A longa citação seguinte esclarece definitivamente a questão, a meu ver (mas sugiro que se leia cuidadosamente também a página seguinte):

Abandonando a questão da cientificidade – que define propriamente o projeto epistemológico – a arqueologia realiza uma história dos saberes de onde desaparece qualquer traço de uma história do progresso da razão. [...] a riqueza do projeto arqueológico é ser um instrumento capaz de refletir sobre **as ciências do homem enquanto saberes** – investigando suas condições de existência através da análise do que dizem, como dizem e por que dizem – neutralizando a questão de sua cientificidade e escapando assim o

desafio impossível da recorrência, sem, no entanto, abandonar a exigência de realizar uma análise conceitual capaz de estabelecer descontinuidades, não certamente epistemológicas, mas arqueológicas, isto é, **situadas ao nível dos saberes.**

(MACHADO, 1982, p.11, grifo nosso).

A segunda obra a que quero fazer referência, na busca de argumentos de autoridade, é um conjunto de conferências do próprio Michel Foucault (1973). Creio que ele não poderia ter sido mais claro a respeito da natureza dos textos que esse livro contém: não se trata de falar de outras verdades e de outros saberes, embora tais palavras possam ocorrer fora do campo das ciências do homem. Trata-se justamente de mostrar como certas práticas históricas, especificamente as jurídicas (que precisam produzir as “suas” verdades), foram uma espécie de laboratório em que foram se constituindo as práticas que produziram “saberes e verdades”.

O livro expõe como, através dos tempos, as diversas formas de “instruir” os processos (desde a mera declaração do competidor nos jogos, passando pelo valor da testemunha - como apresentado, por exemplo, em Édipo Rei - e, mais tarde, a organização dos processos - não muito diferentes dos que conhecemos hoje nas instâncias judiciárias) forneceram “modelos” para os procedimentos que foram seguidos na constituição dos saberes.

Por isso, Foucault (1973, p.8) diz que seu objetivo é mostrar “[...] como as práticas sociais podem chegar a engendrar domínios de saber que não somente podem fazer parecer novos objetos, novos conceitos, novas técnicas, mas também fazem nascer formas totalmente novas de sujeitos e de sujeitos de conhecimento.”

Para desenvolver sua empresa, Foucault assume que há duas histórias da verdade. A interna, uma verdade que se corrige a partir de suas próprias regulações - objeto da epistemologia. E uma externa, que é a dos lugares e das certas regras a partir das quais se vêm surgir domínios de objetos, tipos de saber. As práticas judiciais, diz Foucault, parecem ter sido “[...] uma das formas pelas quais nossa sociedade definiu tipos de subjetividade, formas de saber e, por conseguinte, relações dentre o homem e a verdade que merecem ser estudadas.” (FOUCAULT, 1973, p.11).

Até aqui, parece que Foucault pode ser lido como tem sido às vezes, como se tratasse de verdades e de saberes no sentido corrente em campos que são, digamos, assim, o dos estudos da cultura (pesca, cozinha, práticas sexuais

etc.). Mas na página seguinte está uma passagem crucial, que deveria bastar para sustar aquelas leituras:

Tais formas de análise (judiciais) deram origem à Sociologia, à Psicopatologia, à Criminologia, à Psicanálise. Tentarei mostrar-lhes como, ao procurarmos a origem dessas formas, vemos que elas nasceram em ligação direta com a formação de um certo número de controles políticos e sociais no momento da formação da sociedade capitalista, no final do século XIX

(FOUCAULT, 1973 p. 12).

Creio que isto deveria bastar. Fica claro que, quando Foucault fala de verdades e de saberes, trata, respectivamente, do que as ciências humanas consideram as suas verdades e das próprias disciplinas – os saberes – que são parte das mesmas ciências humanas.

Acrescentarei apenas que a leitura de Foucault que estou criticando prospera, às vezes, entre analistas do discurso, é fato. Mas, provavelmente, os efeitos mais perversos dessa leitura desastrosa ocorrem nos domínios em que mandam os pedagogos – as práticas escolares. Tendo supostamente lido Foucault, e querendo-se críticos das escolas como lugares de disciplinarização, propõem que o que se deve fazer nas escolas é uma reflexão sobre as práticas (!) de alunos e de professores. Isso tudo para fugir do positivismo e do conteudismo... Pensam que, assim, libertam os alunos, quando conseguem apenas não prepará-los para nada.

Libera-nos, domine!

Conclusão

Creio que o caso mencionado na entrevista de Foucault (1978) a Nemoto e Watanabe é, acima de tudo, um bom exemplo de “invasão” de um discurso de verdade nos domínios de outro, “que não é de verdade”: pode muito bem ocorrer que o conhecimento “científico” permita incrementar as práticas sexuais, assim como pode melhorar a justiça, a culinária e a silhueta. Mas creio que não se pode concluir, em decorrência desses fatos, que ambos os discursos são da mesma natureza. Antes, para um analista do discurso, é a conclusão oposta que interessa: tanto importa distinguir os regimes de produção dos enunciados quanto dar-se conta de que certos discursos fazem questão de alimentar-se de enunciados de verdade, talvez porque assim, dado o prestígio de que aqueles gozam,

ajudam a fazer passar os outros a um preço melhor.

Haveria melhor propaganda, hoje, para um certo tipo de comida, do que dizer que contém poucas calorias (especialmente se for possível dizer também que ela é saborosa)? Transfira-se o argumento para outros campos, em especial os de mais fácil apelo, e ver-se-á que propaganda “com” ciência é um bom negócio. Trabalhos abrigados à sombra de Foucault usam a mesma estratégia. Resta saber se é consciente.

POSSENTI, Sírio. On foucault’s two concepts. **Revista do Gel**, São Paulo, v.4, n. 2, p.11-22, 2007.

■ **ABSTRACT:** *The aim of the present paper is to offer support for a certain reading of Foucault’s, particularly concerning the concepts of **knowing** and **truth**, which are often taken in their everyday sense. The reason is that, if Foucault’s concepts are taken in their ordinary sense, some of his hypotheses lose their strength and productivity and become useless to identify – and this is one of his purposes – the specificity of the functioning of certain discourses, whether regarding the form of their production or regarding the connections between discourses.*

■ **KEY-WORDS:** *Foucault. Knowing. Truth. Human sciences. Sexuality.*

Referências

BARONAS, R. L. Bakhtin, Foucault e Pêcheux na análise do discurso. **Estudos Lingüísticos**, Araraquara, n.35, p.156-165, 2006. Disponível em: <www.gel.org.br>. Acesso em: 10 jun. 2007.

DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano; artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1990.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária. 1969.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola. 1971.

FOUCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: PUC: NAU, 1973.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal. 1977.

FOUCAULT, M. Sexualidade e política. In: _____. **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1978. p. 26-36. (Ditos e escritos, 5).

MACHADO, R. **Ciência e saber: a trajetória da arqueologia de Foucault**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.